

Introdução das *Actas* do Congresso «Século das Luzes: Portugal, Espanha, o Brasil e a Região do Rio da Prata». Berlim, 20-24 de Maio 2003

Em Portugal, o início do século XVIII é marcado por três eventos, a *Guerra de Sucessão de Espanha* (1700 a 1713), o *Tratado de Methuen* (1703) e o fluxo do *Ouro*, descoberto em 1693/95, proveniente do Brasil. Daí que, na primeira metade do século (durante os reinados de D. Pedro II e de D. João V), a monarquia portuguesa, enriquecida pelo *Ouro do Brasil*, dispusesse de meios para pagar os custos da guerra e organizar uma Corte esplêndida e pródiga, contratando músicos italianos, arquitectos, pintores e cientistas, aspecto determinante neste contexto. A considerável diáspora italiana em Lisboa tem grande prestígio e influência cultural, nomeadamente entre os sábios e doutos.

Grande importância têm também as Academias¹ que começam a florescer em Portugal desde o século XVII. Essas agremiações científicas — às vezes tertúlias que discutem matérias científico-filosóficas — são lugares onde, pela primeira vez, se acentua uma pretensão cultural elitista, pretensão à liderança intelectual e à liderança no Estado. Do ponto de vista da língua, as *Academias*, abrangendo nobres, doutos e sábios tornam-se a forja onde é elaborado o português culto.

O ensino (o ensino primário e académico) estava num estado deplorável, necessitando urgentemente de reformas. Nos anos 30, a única universidade pública do país² localizada em Coimbra, esteve praticamente inactiva. Nem estudantes nem docentes estavam dispostos a conformar-se à devida disciplina académica. Além disso, o ensino universitário ressentiu-se da orientação na *Ratio studiorum* onde a Teologia formava o centro das matérias. Só com a *Reforma Pombalina* (1772) a Universidade começará a abrir-se às ciências modernas.

A segunda metade do século é o auge do absolutismo em Portugal. Essa época, no plano social, está marcada por acontecimentos terri-

1 Cf. Elze Vonk Matias (1982): «A Academia dos Generosos, uma academia ou uma sequência de academias», em: *Revista da Biblioteca Nacional* (Lisboa) 2/2 (1982) 223-241.

2 A Universidade de Évora, fundada em 1559 pelo Cardeal D. Henrique, foi confiada à então recentemente fundada Companhia de Jesus.

veis. O Terramoto de 1755 e a governação totalitária de Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, resultam num clima marcado por terror e medo, por sujeição, perseguição e tentativa de eliminação do adversário político.

No plano científico e pedagógico, o consulado de Pombal marca o início da modernização e adaptação ao nível europeu. O governo autoritário de Pombal faz com que as antigas instituições — Universidade, escolas, administrações — se comecem a renovar.

A partir do primeiro terço do século XVIII, no plano das possessões ultramarinas, Portugal começa a mostrar maior empenho na Região Platina, formulando as reivindicações sobre a *Região do Rio da Prata* e na diplomacia de Alexandre de Gusmão,³ com estabilização da Colónia do Sacramento, fundada em 1680 e reunida definitivamente ao Brasil Colónia em 1717; fortificação militar em 1737 da Ilha de Santa Catarina – Florianópolis, e celebração em 1750 com a Espanha do *Tratado dos Limites da América* (Tratado de Madrid).

As presentes *Actas* constituem o resultado do segundo Congresso Internacional «Século das Luzes — Portugal e Espanha, o Brasil e a Região do Rio da Prata» ocorrido de 20 a 24 de Maio de 2003 no Instituto Ibero-Americano em Berlim. O Congresso em si mesmo é um resultado dos projectos comuns realizados entre a Universidade de Coimbra (Prof. Doutora Clarinda de Azevedo Maia) e a Universidade Humboldt de Berlim (Prof. Doutor Werner Thielemann), projectos desenvolvidos no quadro das *Acções Integradas Portugal – Alemanha* (CRUP/ DAAD). O objectivo do Congresso sobre o século XVIII foi incentivar a produção de trabalhos linguísticos e socioculturais sobre um século maltratado.⁴ Os organizadores procuraram desta vez alargar o espectro de áreas tratadas, incluindo estudos sobre o Brasil e a Região Platina, e documentando, nomeadamente, o avanço de línguas de especialização no século XVIII.

O Congresso foi organizado pela equipa do Departamento de Português da Universidade Humboldt (Werner Thielemann, Lutz Hoepner, Carsten Sinner) e a professora Clarinda de Azevedo Maia (catedrática da Universidade de Coimbra), co-responsável pelos projectos bilaterais DAAD/CRUP.

3 1695-1753, diplomata de D. João V em França, em 1743 nomeado Conselheiro do *Conselho Ultramarino*.

4 Jogo de palavras que encontrei não recordo onde, conseguindo, todavia, caracterizar de modo sucinto a pesquisa de *Setecentos*.

O empenho dos organizadores em alargar as matérias a tratar, não levou, contudo, a que os aspectos linguísticos ficassem em segundo plano, havendo muitos artigos que tratam de elaboração, relatinização e internacionalização da língua, da constituição de vocabulários técnicos e finalmente de caminhos para se obter maior plasticidade expressiva. Além dos aspectos linguísticos, o volume apresentará também trabalhos abrangendo várias áreas da vida social e cultural, temas de política e linguística. A inevitável peleja pela norma culta do idioma contra a variação linguística é considerada como reflexo da luta de forças sociais opostas e de reacções contra os falares populares.

A diversidade que se encontra no volume resulta da convicção dos organizadores do Congresso de que a mudança linguística é condicionada por um largo leque factorial, nomeadamente factores socioculturais que vão influenciando, por parte dos locutores, a interiorização dos conteúdos reais e as formas expressivas.

Em seguida, apresentamos, por ordem alfabética, os títulos das conferências apresentadas durante o Congresso:

Alberto Gil (Universidade Saravense, Saarbrücken): La Retórica de la Ilustración y la ilustración de la retórica en la Península Ibérica.

António Amorim da Costa (Universidade de Coimbra): Nomenclatura química portuguesa no século XVIII.

Arnaldo Saraiva (Universidade do Porto): A inteligência contra a estupidez num exemplar poema jocoso-sério dos finais do séc. XVIII.

Barbara Schäfer-Prieß (Universidade de Heidelberg): O ensino do francês em Portugal no século XVIII.

Berthold Zilly (Universidade Livre de Berlim): Os jesuítas e o período colonial na visão de Euclides da Cunha.

Bodo Freund (Universidade Humboldt): O Trás-os-Montes rural no século XVIII.

Carsten Sinner (Universidade Humboldt): Jesuítas no Brasil: ensino e herança cultural.

Celeste Augusto (Universidade de Utrecht): Dom R. Bluteau e Henry Yule — ou de como o *Hobson-Jobson* se serviu do Vocabulario Portuguez e Latino.

Christoph Müller (RWTH, Aachen): Cláudio Manoel da Costa e a *Arcádia Ultramarina*.

Clarinda de Azevedo Maia (Universidade de Coimbra): A história da língua portuguesa na produção gramatical e ortográfica do século XVIII. Alguns aspectos em equação.

Claudia Polzin-Haumann (Universidade de Bona): *Ilustrados – anti-ilustrados*: La ilustración española y sus adversarios. Un estudio léxico.

Dante Lucchesi (UFBA, Salvador da Bahia): Século XVIII: o século da *lusofonização* do Brasil.

Dieter Kremer (Universidade de Tréveris): Ofícios mecânicos, indústria e vocabulários em Portugal no Século das Luzes.

Dietmar Osthus (Universidade de Bona): «Como fazem as outras nações cultas e polidas». O discurso normativo, as normas linguísticas e as Luzes.

Fernando Taveira da Fonseca (Universidade de Coimbra): O Jardim Botânico no contexto da Reforma Pombalina.

Fátima Brauer-Figueiredo (Universidade de Hamburgo): *Memórias* de José da Cunha Brochado.

Fernando Garcia (Embaixada do Brasil/Berlim): Iluministas e anti-iluministas, o caso da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Gerda Haßler (Universidade de Potsdam): Dois *Antídotos da língua* no Século XVIII.

Guillermo Wilde (Universidad de Buenos Aires): Algunas notas sobre la formación del Estado Jesuítico del Paraguay.

Harald Thun (Universidade de Kiel): Félix de Azara y los jesuitas.

Horst Nitschack (Universidade Livre de Berlim): O diálogo com o pensamento do Iluminismo em Caramuru (Santa Rita Durão).

Isabel Santos (Universidade de Coimbra): *Usus, auctoritas, ratio*: a legitimação da gramática e os princípios reguladores da linguagem nos autores do século XVIII.

José Vicente Serrão (Instituto dos Arquivos Nacionais/Lisboa): Agricultura no século XVIII.

Lígia Chiappini (Universidade Livre de Berlim): Pós-colonial *avant la lettre*: falas e figuras de Sepé Tiarajú do século XVIII ao século XX.

Luciano Caetano da Rosa (Universidade Humboldt): Frei Manuel do Cenáculo, o Pedagogo revisitado...

Lutz Hoepner (Universidade Humboldt): Etnofármacos brasileiros: a influência dos nomes vernaculares na nomenclatura de Lineu.

Manuela Delille (Universidade de Coimbra): A Marquesa de Alorna — uma discípula sensível das Luzes europeias.

Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora): As ideias pedagógicas e linguísticas de António Pereira de Figueiredo: os manuscritos autógrafos da Biblioteca Pública de Évora.

Ricardo Cavaliere (UERJ, Rio de Janeiro): Antônio de Moraes Silva e os Estudos Gramaticais no Brasil do Século XVIII.

Rita Marquilhas (CLUL, Lisboa): A língua portuguesa no século XVI-II: questões de concepção política da língua e de reconstrução linguística.

Rosa Cunha-Henckel (Universidade de Jena): Bantuísmos lexicais no português do século XVIII.

Telmo Verdelho (Universidade de Aveiro): Francisco Luís Ameno (1713-1793), um impressor que ilumina o século XVIII.

Toru Maruyama (Universidade de Nanzan, Nagoya): *A Palavra NATUREZA — a diferença e o ponto comum do seu conceito entre Portugal e Japão nos séculos XVII e XVIII*.

Werner Thielemann (Universidade Humboldt): Entre Barroco e Neoclassicismo: da *Academia dos Anónimos* à *Arcádia Portuguesa* (aperfeiçoamento do português como *Grande língua de cultura*)

Yeda Pessoa de Castro (UNBA, Salvador da Bahia): A língua je-je-mina no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII — Uma língua africana documentada no Brasil do século XVIII.

O volume organiza os trabalhos da seguinte maneira:

O **bloco A** abrange trabalhos sobre a **língua e ideias linguísticas na época das Luzes**, tratando aspectos internos ou externos da mudança linguística, o empenho em elaborar a língua culta (o idioma nacional)

e outras facetas da *questão da língua*. Integram-se neste bloco os artigos de Isabel Santos, Dietmar Osthus, Werner Thielemann, Maria Celeste Augusto, Gerda Haßler, Maria Filomena Gonçalves, Luciano Caetano da Rosa, Alberto Gil, Claudia Polzin-Haumann, Manuela Gouveia Delille e Clarinda de Azevedo Maia.

Isabel Santos (Universidade de Coimbra) em «*Usus/consuetudo, auctoritas, ratio*: A legitimação da actividade gramatical e os fundamentos da linguagem nos autores do século XVIII» tematiza a consciência e os esforços durante Setecentos para alcançar uma norma obrigatória do português. Examina as obras de Contador de Argote, Madureira Feijó, Monte Carmelo e Reis Lobato com o objectivo de extrair o entendimento e os conceitos de «uso», «razão» e «autoridade» apresentados pelos respectivos autores. Mostra-se como esses critérios servem, dentro da diversidade linguística de um sistema ainda não codificado, para chegar a prescrições legítimas e aceitáveis, bem como apresentar o seu peso e a sua contribuição na determinação de escolhas e na legitimação de regras prescritivas.

Dietmar Osthus (Universidade de Bona): no seu ««Como fazem as outras nações cultas e polidas». O discurso normativo, as normas linguísticas e as Luzes» afirma que não há dúvida de que durante o século XVIII os escritos normativos sobre a língua iam de «vento em popa». Nesta época — marcada pela dissolução do ensino jesuítico — a questão da língua apresenta-se numa perspectiva diferente, já que os aspectos normativos ganham em importância. Analisando materiais metalinguísticos, o autor pergunta qual o papel do Iluminismo para as regras de ortografia e se existem linhas delimitadoras entre as posições de Iluministas e Anti-Iluministas.

O objectivo de **Werner Thielemann** (Universidade Humboldt) em «Entre barroco e neoclassicismo: da *Academia dos Anónimos* à *Arcádia Portuguesa* (aperfeiçoamento do português a *Grande língua de cultura*)» é mostrar a contribuição das *Academias*, nomeadamente da *Academia dos Anónimos* e da *Arcádia Lusitana*, na elaboração da língua culta assim como na reorientação da poesia e da língua sobre valores do concreto, do enérgico e do dinâmico, criticando-se em oposição, acerbamente, o gosto pessimista e efeminado da época barroca. Enquanto que na *Academia dos Anónimos* (Leitão Ferreira) já se desenvolve a nova teoria, ainda que com pouca influência sobre a sociedade, a *Arcádia Portuguesa* (Cândido Lusitano) que depende do Marquês de Pombal e é por ele instrumentalizada, tem uma influência

decisiva e alcança um largo público. Tal êxito, na opinião do autor, tem a ver com o regime totalitário e o poder absolutista de Pombal. Na última parte, o autor documenta as alterações de estilo e língua com exemplos contemporâneos.

Celeste Augusto (Universidade de Utrecht) em «Dom Rafael Bluteau e Henry Yule — ou a função do *Vocabulario Portuguez e Latino* no *Hobson-Jobson*» constata que, na elaboração de *A Glossary of Colloquial Anglo-Indian Words and Phrases, and of Kindred Terms, Etymological, Historical, Geographical and Discursive* (1886), Yule e seus colaboradores tiraram do *Vocabulário* de Bluteau inúmeros textos portugueses sobre o Oriente (Décadas da Ásia, História da Conquista e do Descobrimento da Índia, *Archivo Portuguez Oriental*, *Colloquios dos Simples e Drogas*, etc.), sem, no entanto, fazer referência à fonte. A autora analisa algumas das citações do *Vocabulario Portuguez e Latino* inseridas no *Glossary*, análise que lhe permite julgar como, em que campos e em que medida o *Vocabulario* foi usado na produção do dicionário de Yule.

Gerda Haßler (Universidade de Potsdam) com «Dois *Antídotos da língua* no Século XVIII» baseia-se no seu estudo em dois livros intitulados *Antídoto (da língua portuguesa)* (José de Macero 1710, e José Manuel da Paiva 1750). A autora trata do problema da velha concorrência entre o português e o castelhano, dos argumentos apresentados pelos autores na emulação entre as duas línguas ibéricas para saber qual é o mais formoso dos dois idiomas, controvérsia resolvida usualmente com recurso ao critério de maior conformidade com o latim.

Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora) com «As ideias pedagógicas e linguísticas de António Pereira de Figueiredo: os manuscritos autógrafos da Biblioteca Pública de Évora» põe-nos em contacto com uma das personalidades centrais das lutas pela renovação do ensino em Portugal, o Oratoriano António Pereira de Figueiredo (1725-1797), efervescente representante do iluminismo linguístico, reformador do ensino do latim, homem da confiança de Pombal, figura de proa do movimento de defesa, ilustração e vernaculização da língua materna. A autora avalia as suas obras principais, informa sobre os manuscritos, apresentando, finalmente, a transcrição dum texto manuscrito de Figueiredo.

No seu artigo «Frei Manuel do Cenáculo, o Pedagogo revisitado...» **Luciano Caetano da Rosa** (Universidade Humboldt) aponta,

como primeiro aspecto relevante, algumas características fundamentais do Iluminismo como movimento europeu e segue as três fases do Iluminismo português segundo a lição de António José Saraiva.

Neste contributo, pretende dar uma imagem crítica de Cenáculo no tocante à sua acção como pedagogo numa tripla dimensão: o professor universitário, reformador pedagogo dos estudos em Portugal no quadro das reformas pombalinas e fundador de bibliotecas; o reformador religioso da Ordem Terceira, enfim, o ciropedista ou preceptor do Príncipe da Beira.

Alberto Gil (Universidade Saravense, Saarbrücken), «La Retórica da la Ilustración y la ilustración de la retórica en la Península Ibérica» empenha-se em caracterizar a Retórica do Século das Luzes como reacção à afectação e ao elitismo praticados pelo Barroco, sublinhando os postulados dos Iluministas (clareza, verdade e justa medida). Dá-se especial destaque à ordem das palavras e princípios da composição discursiva, com base no tratamento moderno da linguística textual.

Claudia Polzin-Haumann (Universidade de Bona) parte em «*Ilustrados – anti-ilustrados: La ilustración española y sus adversarios. Un estudio léxico*» da ideia de que, no contexto europeu, não é possível rastrear os feitos históricos segundo um único modelo geral e fixo, mas que, devido às realidades e condições dos países, existe também uma estrutura específica do léxico. Daí que, no manejo de conceitos que sugeririam a semelhança intercultural, se peça a maior cautela. Nesse quadro, a autora explora como se reflectem, nas designações da época, as posições e as divergências de partidários e adversários da «ilustración».

Maria Manuela Gouveia Delille (Universidade de Coimbra) em «A Marquesa de Alorna — uma discípula sensível das Luzes europeias» apresenta a relação de D. Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna, com a Alemanha e a literatura alemã. Destaca-se o grande papel desempenhado por D. Leonor como transmissora da literatura alemã do século XVIII em Portugal, traduzindo preferencialmente obras da «*Empfindsamkeit*», assimilando-as e sintonizando-as com o código arcádico português. O artigo fala em favor de um correcto posicionamento histórico-literário da Marquesa como representante do Iluminismo europeu e menos do Romantismo.

Clarinda de Azevedo Maia (Universidade de Coimbra), na contribuição intitulada «A história da língua portuguesa na produção gramatical e ortográfica do século XVIII. Alguns aspectos em equa-

ção», procura avaliar a importância de gramáticas e ortografias como fontes de informação para o conhecimento do estado da língua portuguesa de Setecentos. Embora assumindo claramente a convicção de que a prioridade metodológica deve ser atribuída aos textos escritos pelo facto de constituírem fontes directas que reflectem os usos linguísticos reais da época a que se referem, a autora empreende uma reflexão sobre o contributo que os textos de carácter metalinguístico e metaortográfico podem prestar ao conhecimento do desenvolvimento histórico do português e da sua situação na época.

Muitas vezes, decididamente, é o impacto de factores externos (novas coisas, novas ideias e novos conceitos no campo sócio-cultural) que faz arrancar a criação de termos, neologismos e neosemantismos ou motiva empréstimos e decalques de estrangeirismos.

Os artigos que tratam desses aspectos encontram-se reunidos no **bloco B: O progresso das ciências naturais nos Setecentos**. O bloco B abrange os artigos de Fernando Taveira da Fonseca, António Amorim da Costa, Toru Maruyama, Dieter Kremer, Bodo Freund e Lutz Hoepner.

Um dos sinais mais visíveis do progresso científico em Portugal e da vontade do país em se empenhar nos caminhos modernos da ciência, é, sem dúvida alguma, a fundação do Jardim Botânico em Coimbra, obra que se realizou durante o consulado do Marquês de Pombal e sob a eminentíssima influência de Domenico Vandelli, mas que já andava a ser planificado desde os anos 30 de Setecentos. Em «O Jardim Botânico no contexto da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra (1772)», **Fernando Taveira da Fonseca** (Universidade de Coimbra) trata da história do Jardim Botânico como «pedra de mosaico» na luta ideológica entre aderentes do passado e partidários da Filosofia Moderna, o que levou às *Reformas Pombalinas* com o intuito de conferir mais utilidade aos estudos e de instrumentalizar a Universidade na política do Estado. São decisivas as profundas mudanças de método, o carácter demonstrativo e a ilustração prática do saber ao estudante. Neste contexto, o estudo da Medicina será baseado em vastas experiências da natureza, planeiam-se o cultivo e o exame científico das plantas vivas, os estudos da sua aplicação aos domínios da Medicina. O artigo informa detalhadamente sobre as ideias por trás do projecto do Jardim Botânico, as etapas de sua realização, homenageando adequadamente os papéis do então reitor D. Francisco de Lemos, de Domingos Vandelli e de Félix de Avelar Brotero.

Outra evolução decisiva nas ciências do final de Setecentos foi o progresso da Química, a revolução das químicas,⁵ iniciada em França pela obra do malogrado Lavoisier⁶ e de Guyton de Morveau que derubaram todo o edifício da flogística para desenvolver a orientação da química moderna baseada no oxigénio, conforme Aantónio Amorim da Costa (Universidade de Coimbra) expõe no seu artigo «ciências químicas».

António Amorim da Costa (Universidade de Coimbra) em «Nomenclatura química portuguesa no século XVIII» descreve o caminho da ciência química, dependente de práticas alquímicas e parte integrante da ciência médica, como uma disciplina autónoma e sistematizada. No século XVIII, as Farmacopeias carecem em Portugal de sistematização. Ostentam designações heterogêneas, mais aptas para confundir do que para esclarecer. A convicção da Iluminação francesa de que há um laço íntimo entre aperfeiçoamento do raciocínio e uma linguagem racional e sistemática conduz à nomenclatura de Lavoisier (1787/88). Informa-se depois sobre a entrada de ideias e nomenclatura de Lavoisier em Portugal, nomeadamente a sua propagação por Vicente Coelho de Seabra.

Toru Maruyama (Universidade de Nanzan, Nagoya) em «A palavra NATUREZA — a diferença e o ponto comum entre do seu conceito Portugal e o Japão nos séculos XVII e XVIII» compara as convergências e divergências conceptuais entre a palavra *NATUREZA* e os equivalentes japoneses *SHIZEN* e *SEI*. Tenta-se descobrir, com base em dicionários históricos, o caminho semântico obviamente desconhecido no Japão antes do século XVI.

Dieter Kremer (Universidade de Tréveris) em «Ofícios mecânicos, indústria e vocabulários em Portugal no Século das Luzes» trata a situação dos ofícios durante a segunda metade de Setecentos, sobre os vários ramos de actividade em Lisboa. Dotada de inúmeros materiais, o artigo do autor inscreve-se numa série de artigos destinados a documentar *Palavras e Coisas* hoje em dia já desconhecidas. Impressionante na contribuição de Dieter Kremer é o número de palavras des-

5 Revolução pacífica das químicas.

6 Lavoisier, orgulho da ciência francesa, perdeu a vida com a ideologia sangrenta dita revolucionária do *Comité du Salut Public* de Robespierre. Condenado à guilhotina em 1794, o pai da moderna terminologia química acabou sendo vítima dos «terrores revolucionários».

conhecidas, devido ao desaparecimento de coisas reais ou por serem denominações já fora do uso.

A influência externa que directamente se espelha na língua do povo aparece na contribuição do geógrafo **Bodo Freund** (Universidade Humboldt) sobre «Trás-os-Montes rural no século XVIII». O autor põe-nos na presença do início dos estudos demográficos e da estatística em Portugal, tudo durante o governo de Pombal. Explora o inquérito feito em todas as paróquias de Portugal (Memórias Paroquiais) em 1758. Destaca o facto de os documentos do inquérito constituírem a fonte completa para se escrever a geografia histórico-económica da época, permitindo a cobertura total do território do país. O trabalho parte dos materiais de Trás-os-Montes que informam sobre a produção alimentícia na região e que fornecem uma lista detalhada de designações de produtos agrícolas. O autor procura evidenciar as variações e flutuações de nomes mostrando a incerteza linguística e variedade de nomes para denominar plantas e produtos agrícolas, introduzidos em períodos recentes, para combater a fome e penúria alimentícia.

A expansão portuguesa no Brasil colonial a partir de 1530 e a subsequente missão aos povos indígenas resultou — entre outros aspectos — na obtenção de conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais por esses povos. A biotecnologia serve-se destas plantas como fitofármacos. **Lutz Hoepner** (Universidade Humboldt) em «Etnofármacos brasileiros: a influência dos nomes vernaculares na nomenclatura de Lineu» demonstra que numerosas denominações de plantas encontradas na nomenclatura de Linéu reflectem uma origem indígena. O Autor propõe, paralelamente aos termos «etnofarmacia» e «fitofármacos» a introdução do termo «etnofármacos» para designar aqueles fitofármacos inicialmente usados por determinadas etnias.

O **bloco C** é dedicado a **problemas do Brasil, do português no Brasil e da Região Platina**, abrange os trabalhos de Dante Lucchesi Ramazzoti, Yeda Pessoa de Castro, Rosa Cunha-Henckel, Lígia Chiappini, Carsten Sinner, Guillermo Wilde, Harald Thun, Christoph Müller, Leonor Fávero, Fernando Garcia, Ricardo Cavaliere e Maria Cecília Mollica, concluindo com a contribuição de Afrânio Barbosa.

Dante Lucchesi (UFBA, Salvador da Bahia) em «Século XVIII: o século da *lusofonização* do Brasil» informa sobre particularidades na formação da norma do português no Brasil, tratando essa problemática complexa com base nas condições socio-económicas do país, consideradas factores constituintes na área linguística.

As contribuições da professora **Yeda Pessoa de Castro** (UFBA, Salvador da Bahia) sobre «uma língua africana documentada no Brasil no século XVIII» e da professora **Rosa Cunha-Henckel** (Universidade de Jena): «Bantuísmos lexicais no português do século XVIII» tratam do tráfico transatlântico para o Brasil de escravos africanos e dos traços que os seus idiomas genuínos deixaram na língua das *Terras do Brasil*.

A professora Yeda Pessoa de Castro explora um documento importantíssimo do século XVIII, vindo de Vila Rica do Ouro Preto, hoje Ouro Preto (MG), *A obra nova da língua geral de Mina traduzida para o nosso idioma* por António da Costa Peixoto, dois documentos manuscritos datados de 1731 e 1741. Tudo isso tem a ver com o tráfico intensificado de negros do golfo de Benim para o Brasil, falantes de línguas do grupo *ewe-fon* ou *gbe*.

Rosa Cunha Henckel tenta verificar o uso de vocábulos de origem africana em documentos oficiais portugueses já no início da colonização. A autora constata que é normal que o contacto entre portugueses e escravos leve ao empréstimo de africanismos para a língua portuguesa (sobretudo vocábulos referentes a coisas reais inexistentes no Brasil como *inhame* e *cachaça*). A autora faz listas de afronegrismos integrados à língua portuguesa já nos primeiros séculos da colonização e prova a existência de vocábulos de origem negro-africana já durante o século XVI, encontrando-se exemplos de afronegrismos já na obra de Gil Vicente.

O texto «Postcolonial *avant la lettre*: falas e figuras de Sepé Tiara-jú do século XVIII ao século XX » da professora **Ligia Chiappini** (Universidade Livre de Berlim) propõe uma viagem no tempo, acompanhando as aparições literárias de Sepé Tiarajú, índio guarani, morto pelos espanhóis e portugueses no século XVIII, quando lutava em defesa das terras de São Miguel das Missões. Sepé transformou-se em mito e esse mito foi sendo narrado e cantado pelos mais diversos poetas, ficcionistas e compositores do século XVIII aos nossos dias, quando reaparece simbolizando a união dos povos do Sul da América Latina tanto para o *Movimento Sem Terra* (MST) quanto para os propagandistas do Mercosul, embora isso não se faça sem polémica.

Pela resistência que ofereceu às potências coloniais, Portugal e Espanha, e pela consciência que lhe atribui a tradição literária e historiográfica, levanta-se aqui a hipótese de considerá-lo postcolonial *avant la lettre*.

Carsten Sinner (Universidade Humboldt) em «Jesuítas no Brasil: ensino e herança sociocultural» desenha o quadro complexo da acção e da influência dos jesuítas no Brasil e na região platina. Fica realçada a influência jesuítica na formação da civilização brasileira, o ensino dos Padres não só definido como base escolar, mas também como ensino cultural e civilizatório. Considerando a expulsão dos Padres mais como pretexto do que como algo necessário, mostra de que modo a influência jesuítica perdurou, exemplificando-se a herança cultural no âmbito dos ofícios, da medicina, da arquitectura, da música e da dança. Os jesuítas garantiram a transmissão dos saberes como uma amálgama interétnica que, em muitas áreas, deu cunho à identidade brasileira.

Guillermo Wilde (Universidade de Buenos Aires) «Algunas notas sobre la formación del Estado jesuítico del Paraguay» debruça-se sobre a vida e organização social das reduções jesuíticas no Paraguay, apontando as contraditórias avaliações históricas da obra dos inicianos, entre a apologia da vida igualitária e a censura de escravidão. Tenta aclarar as estruturas sócio-políticas das reduções, destacando as várias fontes constitutivas (rasgos primitivos, contributos jesuíticos, legislação da Coroa espanhola). Vê-se a habilidade dos Padres ao criarem um modelo de convívio e eficácia social, onde a estabilidade social foi assegurada pelo equilíbrio da autonomia parcial e a coesão interna.

Quando Félix de Azara chegou ao Rio da Prata no ano de 1781, já se havia produzido a expulsão dos jesuitas (1767/78) de todos os territórios espanhóis e portugueses mas não se havia concluído a difícil passagem das reduções à administração civil. Até hoje continua o debate sobre o alcance tanto filosófico e teológico quanto político e económico e até linguístico desta experiência única que constitui o «Estado jesuítico do Paraguai» na história do contacto entre indígenas e europeus. Não houve observador mais sagaz nem um crítico mais informado da obra dos jesuitas nessas regiões afastadas do mundo do que Azara. O estudo de **Harald Thun** (Universidade de Kiel): «Félix de Azara, los jesuitas y el guaraní» busca separar da polémica provocada pelo próprio Azara a sua contribuição ao conhecimento do guaraní.

Christoph Müller (RWTH, Aachen): «Cláudio Manuel da Costa e a *Arcádia Ultramarina*» investiga a orientação poetológica de três representantes da *Arcádia Ultramarina*: Cláudio Manuel da Costa,

Alvarénga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga. Os três foram membros da *Inconfidência* em Minas Gerais, aprisionados e julgados por causa das suas ideias progressistas para a época. O autor constata que a poesia da Arcádia Ultramarina foi no início uma cópia da Arcádia Lusitana, imitando a ficção pastoril, *imitatio naturae*, *imitatio auctoris* mas que depois se tornou progressivamente mais patriótica, afastando-se do mundo fictício de idílio pastoril e mitológico e aproximando-se de real mundo brasileiro. O artigo, em geral, faz uma boa introdução à problemática das relações entre a *Arcádia Ultramarina* e a *Inconfidência* de Minas.

Leonor Lopes Fávero (Universidade de São Paulo): «A política linguística do Marquês de Pombal para o Brasil» pondera os aspectos positivos e negativos que resultam da reforma do ensino no Brasil. A imposição do português, por um lado, constitui um reforço do peso da sociedade civil e é o meio apropriado para fazer progredir o uso correcto da língua pelo povo. Por outro lado, a autora tematiza as perdas no ensino causadas pela reforma, bem como os grandes problemas que resultaram, sobretudo, da expulsão dos Jesuítas: perda de professores qualificados, quebra de confiança, falta de bibliotecas, financiamento e materiais pedagógicos, tudo indícios que fazem entrever a enorme clivagem que houve entre o projecto ambicioso do primeiro-ministro e a escassez de meios no Brasil para o realizar.

Fernando Garcia (Embaixada do Brasil em Berlim) com «Iluministas e Antiiluministas: o caso da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro» segue as peripécias, intrigas e controvérsias políticas e culturais entre partidários e adversários do Iluminismo em torno da fundação da Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro, no início do século XIX. Explicando o evento na perspectiva da transferência do centro do poder da monarquia lusitana para o Brasil, o autor destaca o papel dos artistas franceses na fundação duma arte autóctone no Brasil.

Ricardo Cavaliere (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) em «Antônio de Moraes Silva e os Estudos Gramaticais do Século XVIII» dedica-se à obra *A grammaticográfica* do ilustre lexicógrafo Moraes Silva, lamentando o despreço imerecido dos escritos gramaticais de Moraes. O *Epítome de grammatica da Língua Portuguesa* (1802/1806) não só constituiu o texto fundador dos estudos linguísticos no Brasil, como também desempenhou um papel precursor no que diz respeito à descrição do português em geral. Em conformidade com os franceses, por um lado, Moraes insiste na autonomia e na diversidade da gramáti-

ca portuguesa frente à latina; por outro lado, ele é inovador na subdivisão orgânica da matéria (morfologia e sintaxe). Ricardo Cavaliere exemplifica as ideias de Moraes no tratamento da sintaxe e das partes da oração.

Maria Cecília Mollica (Universidade Federal do Rio de Janeiro) fornece um artigo curto «Simplificação no sistema de modo na história do português», mas que é de sumo interesse para se compreender história das mudanças ocorridas no seio do paradigma gramatical do PB. Com base na opacidade do modo verbal (funções de futuro do conjuntivo e do infinitivo pessoal) iniciou-se, provavelmente já há séculos, um ciclo de mudança e simplificação nivelando o paradigma do futuro do conjuntivo, não obstante alguns obstáculos que inibiram o processo. O nivelamento do paradigma do futuro do conjuntivo no PB é considerado como a continuação diacrónica duma tendência de regularização que, nas línguas românicas, se verificou noutras partes dos paradigmas gramaticais.

Afranio Barbosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro) com o artigo «Da história social à sociolinguística histórica do português no Brasil: mercadores portugueses no apagar do Século das Luzes» dá uma contribuição sobre o ciclo de mudança no modo verbal, a saber entre o futuro do conjuntivo e o infinitivo pessoal. Com base em cartas de comerciantes da época, tenta esclarecer, em particular, a variação entre verbo + *a* + infinitivo e construção gerundial.

A equipa organizadora felicita-se pelo êxito do projecto e orgulha-se de ter superado situações e problemas complicados. Assim, o avaliador duma Fundação na Alemanha que recusou a atribuição de subsídio financeiro, qualificou de «atrevido» o nosso projecto de Congresso. Hoje, mesmo que não possamos oferecer um mosaico completo — seja das línguas de especialização, seja do leque de problemas no *Espaço Ultramarino Transatlântico* — parece-nos, todavia, que a contribuição deste nosso Congresso, organizado apenas com a ajuda financeira e suporte logístico da Universidade Humboldt, do Instituto Camões e do ICEP, da Embaixada de Portugal, da Embaixada do Brasil e da Lufthansa, apresenta um considerável contributo para os estudos sobre um século (desta vez não-maltratado) mas sim, o século sempre mal-tratado, o *Século das Luzes*.

Por fim, queria agradecer a todos os que, de algum modo contribuíram para o êxito do projecto do Congresso e da publicação das *Actas*: Dr. Peter Birle e Ulrike Mühlshlegel (IAI), Dr. Luciano Caetano da

Rosa, Kerstin Opätz, Catarina Castro e Miriam Reisner (todos da Universidade Humboldt) e Maria João Boléo Tomé (Universidade Livre de Berlim).

Possa o volume contribuir para interessar mais pesquisadores na área de investigação sobre as *Luzes* e sobre os problemas variadíssimos que caracterizam esta época fascinante.